

PMS FVU
BIR
Jornal
CORREGIO DA BAHIA
30/11/98
Aqui Salvador 3
M. GIOAMBONE
POLÍCIA AMBIENTAL

Vazamento de óleo continua na Praia da Ribeira

Suspeita-se que o acidente ocorreu devido ao roubo de peças de uma caldeira da Fábrica Tóster.

Cris Barreto

Os moradores da Avenida Beira-Mar, na Ribeira, continuam preocupados com o vazamento de óleo, iniciado na última quarta-feira, que persiste manchando a Praia da Ribeira. O acidente foi provocado pelo vazamento de uma das caldeiras da Fábrica Tóster S.A. Indústria do Vestuário, fechada há cerca de três anos e cujas instalações estão abandonadas. Há suspeitas de que o acidente tenha sido provocado pelo roubo de peças de uma das caldeiras da empresa que ainda armazenam óleo. Uma equipe do Telefone Verde da Petrobras foi acionada e limpou a praia no sábado, controlando a saída de óleo, que vem aumentando desde ontem. Apesar do problema, alguns banhistas mantiveram a rotina normal do domingo, ao longo da Praia da Ribeira.

Dentro da fábrica, completamente abandonada e sucateada, é possível ver grandes poças de óleo na sala da caldeiraria. Na saída do esgoto da praia, a equipe da Petrobras colocou palha e areia para filtrar o óleo e impedir que o produto caia na água, segundo o morador Fernando Sales Ferreira, 37 anos, que nasceu e mora no local até hoje. "Eles estiveram aqui hoje (ontem) novamente, mas só fizeram olhar", diz Fernando. Segundo ele, este não foi o primeiro vazamento de óleo da Tóster que atingiu a praia. "Quando a maré enche, o óleo vai para o lado da Ribeira e, quando vaza, vai para a Pedra Furada", conta, dimensionando a extensão do acidente.



Chuva - A mãe de Fernando, Edelzuita Pereira dos Santos, 71 anos, mora no local há 40 e teme que a palha e a areia colocadas nos esgotos prejudiquem os moradores em caso de chuva. "Se chover, isso não vai aguentar e a rua vai encher de água", afirma, acrescentando que o acidente foi provocado pela ação de vândalos, os quais roubam peças dentro da fábrica, que não dispõe de vigilância. A sede está servindo de dormitório para marginais e mendigos, segundo os moradores. "Eles (a Petrobras) ficaram

de vir para limpar a caldeira por dentro", diz, sem saber ao certo qual o destino da fábrica. "Dizem que foi entregue a um banco", especula.

Olinda Silva, 46 anos, lembra que este foi um dos maiores derramamentos de óleo da Tóster, o que também acontecia quando a fábrica estava em atividade. "Quando eles colocavam a palha, filtrava o óleo e saía somente água", diz. De acordo com Olinda, a Tóster era grande fonte de emprego para os moradores da região e, hoje, é uma pena ver

um empreendimento daquele porte totalmente abandonado.

Na frente da fábrica, em bom estado de conservação, resta apenas o nome em letras prateadas. As vidraças quebradas, janelas roubadas, o mato e o grande acúmulo de lixo denunciam a falência. Etiquetas de roupas e quadros com fotos de funcionários indicam que tudo foi abandonado e resta pouca coisa do patrimônio. "Roubam até as janelas", diz Alfredo Santos, 30 anos, dono do bar Cantinho do Alfredo, que fica ao lado da Tóster.

Fotos de Sora Maia



O óleo vazou de uma das caldeiras da fábrica, que foi fechada há cerca de três anos

FALÊNCIA

Fundada por imigrantes libaneses em 1969, a Tóster S.A. Indústria do Vestuário produzia malhas e confeções e teve falência decretada em 96. Desde esse período, a Justiça nomeou alguns síndicos (advogados) para liquidar a empresa e cuidar do patrimônio, o que não aconteceu. O atual síndico, o advogado Renato dos Umildes, diz que o patrimônio da fábrica está à disposição da Justiça, como garantia do pagamento de dívidas junto aos credores da empresa. Quanto à conservação do prédio, ele diz que não há recursos para isso.